

A PERCEPÇÃO DAS FRICATIVAS INTERDENTAIS DE LÍNGUA INGLESA POR ACADÊMICOS DE LETRAS FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

Juliana Marschal RAMOS¹

Emiliana RAYMUNDO²

Valéria Zanetti NEY³

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo verificar se os acadêmicos do curso de Letras de uma universidade da região do Vale do Rio dos Sinos - RS percebem a produção das fricativas interdentais surda /θ/ e sonora /ð/ ou se as confundem com outros fonemas. Para isso, realizou-se um teste de percepção da fala de uma falante nativa de língua inglesa, e um breve questionário para a definição do perfil dos participantes. Percebeu-se a troca dos fonemas-alvo por substitutos na língua materna dos entrevistados, tais como /d/ e /t/, na escuta dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Fonética e fonologia; Língua inglesa; Aquisição de língua estrangeira.

1. Introdução

A aquisição de língua estrangeira (LE) ou segunda língua (L2) são termos utilizados para conceituar a aprendizagem de qualquer língua posteriormente à língua materna (LM) ou primeira língua (L1) (ELLIS, 1997). Diversas pesquisas se preocupam em analisar muitos dos aspectos envolvidos e constituintes desse processo, a fim de aprimorar as práticas docentes e estudar os fenômenos que ocorrem em diferentes grupos de aprendizes.

¹ Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Feevale (2018). Graduanda em Letras Bacharelado Português-Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Graduada em Letras - Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2002), Especialista em Estudos Avançados da Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004) e Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009).

³ Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas (1992), graduação em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (1997). É Especialista em Comunicação Social pela UCPel (1994), Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (2003) e Doutora em Linguística Aplicada pela Unisinos (2019). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: aquisição de L2, formação de professores e linguística aplicada.

Este trabalho se encaixa nas áreas de fonética e fonologia, que estudam os sons de uma língua. Enquanto a fonética descreve os sons, a fonologia estuda as diferenças fônicas intencionais que resultam ou afetam a significação. Para simplificar, Callou e Leite (2001, p. 11) explicam: “a unidade da fonética é o som da fala ou o fone, enquanto a unidade da fonologia é o fonema”.

Dentre os estudos realizados pelos pesquisadores dessa parte da linguística, uma delas é a investigação das implicações de trocas de fonemas, tanto na percepção como na produção da fala. Ramos (2009) discorre sobre o fato de que é importante refletir se essas alterações de fonemas caracterizam algum tipo de impedimento para a questão semântica, ou seja, em casos em que a troca de um dos sons pudesse remeter a outra palavra com significado diferente. Bona (2007) trata da troca de fonemas para substituir a fricativa interdental surda /θ/ por sons que fazem parte do inventário fonológico do português. Silva (2015, p. 126) afirma que é comum que os falantes substituam o fonema desvozeado /θ/ por /s/, /f/ ou /t/. Já o fonema vozeado /ð/ geralmente é substituído por /z/ ou /d/. Além disso, a autora menciona a possível troca de sentido estabelecido na comunicação, caso o falante realize as substituições inadvertidamente.

Sendo assim, este trabalho busca verificar se os acadêmicos de um curso de Letras de uma universidade localizada na região do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, conseguem identificar que o som produzido na palavra foi de uma das fricativas interdentais ou iriam escutar erroneamente outro som, levando em consideração que estes sons não são utilizados no português brasileiro (PB). A principal hipótese é a de que os sujeitos de pesquisa poderiam escutar fonemas que pertencem a LM e, em caso de dificuldade, substituiriam por sons pertencentes ao repertório do PB. A pesquisadora tinha como objetivos: a) investigar se essas trocas ocorrem quando os participantes escutam outra pessoa falar, b) se a posição dos fonemas influencia nas trocas e c) refletir sobre a prática docente e o ensino dos sons da língua alvo, pois os entrevistados estão realizando um curso com habilitação para as línguas portuguesa e inglesa.

Foi constatado, por meio de um teste de percepção auditiva, que o maior número de ocorrências de troca do fonema surdo foi para /t/ em início de palavra e /s/ em posição final, enquanto que o fonema sonoro foi substituído mais vezes por /d/ quando em posição inicial e por /f/ em ocorrência final. O resultado da pesquisa será apresentado posteriormente e de forma mais detalhada.

2. Aquisição de L2 - aspectos linguístico-sonoros

A área da Aquisição da Linguagem procura esclarecer como os sujeitos adquirem e desenvolvem a linguagem em três contextos específicos: aquisição de L1, aquisição de L2 e aquisição bilíngue da linguagem – uni ou bimodal. O processo sobre o qual este trabalho se interessa é o da aquisição de L2, mais especificamente da língua inglesa por falantes de português brasileiro como língua materna.

Os sons estudados pelas áreas da fonética e fonologia, chamados de fonemas, são as menores unidades sonoras da fala. De acordo com Roach (2009, p. 32), assim como as letras são um sistema abstrato para que possamos escrever, os fonemas são um conjunto de unidades básicas da fala. Nesse ponto, é importante que a relação grafema x fonema esteja clara, pois não se pode confundir letra e som. De acordo com Bisol (2001, p. 45), usamos os sinais gráficos, letras ou grafemas, para representar os sons da língua. Os fonemas são representados por um alfabeto fonético, como mostrado na figura 1, que dá conta de como esses sons são pronunciados na fala.

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		x ɣ	h ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ɣ̃		
Tepe	voz			ɾ				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ɭ		ʎ ɰ		

Figura 1- Tabela das consoantes do Alfabeto Fonético Internacional (IPA, em língua inglesa)⁴

As consoantes fricativas são aquelas realizadas, de acordo com Cristófaró, quando “os articuladores se aproximam produzindo fricção quando ocorre a passagem central da corrente de ar”. Ela ainda discorre que essa fricção é causada por não acontecer uma obstrução total da passagem de ar (CRISTÓFARO, 2008, p. 33). Para melhor compreensão, pode-se observar a realização de [p], consoante oclusiva, que é realizada pelo fechamento total da passagem de ar, diferentemente do [f], consoante fricativa, em que a obstrução é parcial. As fricativas interdentais são os sons da LI realizados com a colocação da língua entre os dentes frontais. Trevisol (2014, p. 83) salienta que esse som é infrequente entre as línguas do mundo.

Kelly (2000, p. 50) descreve que, para a realização das fricativas interdentais, a língua toca o dente frontal ou se coloca entre os dentes inferior e superior. As fricativas interdentais, tanto surda como sonora, são apontadas como de difícil pronúncia para falantes de árabe, chinês, francês, alemão, de línguas indianas, italiano, japonês, português, escandinavo e turco.

Trevisol (2014, p. 125) também explica que a consoante desvozeada /θ/ apresenta ocorrência quando há outra vogal na mesma sílaba, como na palavra *through* /θru:/. Já o som vozeado /ð/

⁴ Fonte: SILVA, Thaís Cristófaró. (2008, p. 37)

não ocorre acompanhado de outra consoante na mesma sílaba, o que pode ser exemplificado com a palavra *mother* /'mʌð ər/. Isso faz com que, na presença de outro som consonantal, a única opção de produção seja a desvozeada, o que também facilita o entendimento do aprendiz. As fricativas interdentais são assim denominadas pois, durante a sua realização, ocorre a fricção entre os dentes (TREVISOL, 2014, p. 124). Também, mesmo que esses sons sejam sempre representados ortograficamente pelo dígrafo "th", é importante que sejam estudadas suas realizações surda e sonora, para que não sejam confundidos com um dígrafo que possui apenas uma maneira de realização sonora.

Após essa breve revisão teórica sobre aquisição da linguagem, e de aspectos da fonética e da fonologia, a metodologia da pesquisa será apresentada.

3. Metodologia

A pesquisa aqui realizada é de cunho bibliográfico e de campo. Alguns dos estudos que serviram como referencial teórico são Jenkins (2000), Kelly (2000), Roach (2009) e Trevisol (2014), entre outros.

Além da revisão bibliográfica, houve uma coleta de dados analisada qualitativamente e quantitativamente. Com o intuito de verificar a ocorrência ou não da troca das fricativas interdentais de língua inglesa na percepção da fala de outra pessoa, os dados foram coletados por meio de um teste de percepção da pronúncia do som do "th" surdo e sonoro, com ocorrência inicial (*this, think*) e final (*with, bath*) de vocábulos em LI. As palavras selecionadas para a coleta de dados são apresentadas no APÊNDICE A, contando com palavras como *thigh* e *faith*, para o caso da fricativa interdental surda, *they* e *lathe* para a sonora. Optou-se por não mensurar a pronúncia do som alvo em posição medial por falta de vocábulos suficientes para a elaboração de pares mínimos, forma de organização proposta neste trabalho e conceito que será discutido a seguir.

Os instrumentos utilizados foram uma entrevista para a coleta de dados do informante, tais como nível linguístico e se atua ou já

atuou como professor de língua inglesa (APÊNDICE B), uma gravação em áudio, realizada por uma falante nativa da língua, contendo as 114 palavras que compunham o teste, e um teste de múltipla escolha para a verificação da percepção dos informantes (APÊNDICE C). Além disso, os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual se encontraram as informações sobre a pesquisa e sobre os métodos utilizados.

O teste de percepção contou com 114 palavras no total, gravadas por uma falante nativa da LI, distribuídas em 38 trios de palavras, que seguem a lógica dos pares mínimos. De acordo com a definição de Roach (2011, p. 65), pares mínimos são “pares de palavras que se diferem em apenas um fonema”⁵. Um exemplo de par mínimo em língua portuguesa é o de **g**ato e **p**ato, em que apenas o primeiro som é diferente, mas se tratam de palavras diferentes.

A pesquisadora optou por trios de palavras para a realização da coleta de dados para trabalhar as mudanças de sentido que podem ocorrer em situações em que o ouvinte entende os fonemas de forma equivocada. Um exemplo retirado do teste aplicado na pesquisa é o da palavra *lathe*, que foi acompanhado de *late* e *laze*. Os participantes da pesquisa receberam o questionário para assinalar qual das três opções foi escutada.

Sendo assim, o entrevistado selecionava apenas uma das opções que correspondia ao que foi reproduzido em um áudio reproduzido simultaneamente. O instrumento de coleta de dados era formado por 32 palavras analisadas pelo fonema alvo: 16 palavras que tinham a fricativa interdental vozeada, 8 em posição inicial (como em *those*) e 8 em posição final (como em *bathe*), e 16 palavras com o som não vozeado, 8 iniciadas pelo som (como em *thought*) e 8 finalizadas por ele (como em *death*). Foram adicionadas 6 palavras para servirem de *fillers*, pois, como os entrevistados tinham conhecimento de qual som seria analisado, não deveriam marcar as alternativas que tinham o *th*

⁵ "Pairs of words that differ in just one phoneme are known as minimal pairs".
(Tradução da autora)

sem recorrer à percepção auditiva. Entre essas palavras que foram adicionadas, mas não foram analisadas como parte do teste, algumas continham diferentes fonemas, mas uma delas possuía o “th”.

A coleta de dados foi realizada no mês de outubro de 2017, com 30 acadêmicos do curso de Letras de uma universidade da região do Vale do Rio dos Sinos, no estado do Rio Grande do Sul, e os dados coletados foram apresentados em pares mínimos contendo 3 vocábulos para cada alternativa. Durante o teste, os acadêmicos, que receberam o teste de percepção impresso desde o início, ouviram as palavras e, ao mesmo tempo, assinalavam, dentre as opções disponíveis, as alternativas que correspondiam ao que estivessem ouvindo.

Na etapa final, os dados foram tabulados e analisados, para verificar se os entrevistados perceberam os sons estudados nesse trabalho ou se houve alguma troca de fonemas. Os gráficos foram criados utilizando o Canva. Na tabela 1, são apresentadas as palavras que integram o instrumento avaliativo de pesquisa. Em seguida, na tabela 2, as palavras que serviram como *fillers*, ou distratores.

Inicial /θ/	thigh	theme	threw	thin	thought	thrill	thick	thing
Final /θ/	faith	bath	death	oath	cloth	myth	path	tenth
Inicial /ð/	they	than	then	though	those	thee	thine	thy
Final /ð/	bathe	with	breathing	teething	soothe	lathe	other	loathe

Tabela 1 – Palavras para o teste de percepção⁶

thumb	mug	born	force	shop	Fred
-------	-----	------	-------	------	------

⁶Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 2 – Fillers para o teste de percepção ⁷

4. Análise e discussão dos dados

A pesquisa foi realizada com 30 informantes, todos acadêmicos de um curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês. Os sujeitos foram chamados em pequenos grupos ou individualmente para a coleta de dados, que consistiu no preenchimento de um questionário inicial com perguntas sobre a experiência docente em língua inglesa de cada um, sobre há quanto tempo estudava ou havia estudado inglês, se possuía uma rotina semanal de estudos e quais recursos utilizava, entre outros. A segunda parte foi a reprodução de um áudio, gravado por uma falante nativa de inglês, composto por 38 palavras, pronunciadas com pausas de 3 segundos entre uma e outra, dentre as quais estavam as oito que serviram como *fillers*. Dessa forma, o informante ouviria a palavra e teria de escolher, entre as três alternativas, qual seria a correspondente ao que percebeu. Os dados serão explicados abaixo com gráficos e a pesquisadora discorrerá sobre os resultados.

Com relação ao questionário, que visava traçar um breve perfil dos entrevistados, o acadêmico deveria informar nacionalidade e profissão. Todos são brasileiros e, de acordo com essas respostas, a pesquisadora levantou os dados sobre quais alunos já estavam inseridos ou trabalhavam como professores de inglês, unindo essas informações com as respostas da segunda pergunta, a qual questionava se os alunos já tinham ou já haviam tido experiência como docente de língua inglesa.

A partir do questionário, foi possível depreender que, dos 30 informantes, 13 (43%) afirmaram já ter tido experiência como professores de LI, enquanto 17 (57%) responderam que não. Em seguida, sobre o tempo de atuação, 6 (46%) dos informantes que já haviam tido experiência, responderam que foi um período de até 1 ano. 7 (54%) tiveram de 2 a 5 anos de experiência. Na pergunta

⁷ Fonte: Elaborado pela autora

seguinte, os acadêmicos foram questionados sobre o tempo de estudo da LI. Conforme pode ser visto no gráfico, 2 (3, 7%) estudam ou estudaram até um ano, 13 (43%), de 2 a 4 anos, 11 (37%), entre 5 e 10 anos e 4 (13%) afirmaram que estudam ou haviam estudado a língua há mais de 10 anos.

Na terceira pergunta, os alunos deveriam responder se se dedicavam semanalmente ao estudo do inglês, bem como quantas horas dispunham para tal fim. Dos 30 informantes, apenas dois responderam que não se dedicavam. As formas de estudo mencionadas pelos demais informantes eram preparo de aulas de inglês, séries, filmes, músicas, aplicativos, aulas particulares, cursos de idioma, vídeo aulas, revisões de conteúdos, pesquisas e internet em geral.

Na quarta questão, os entrevistados deveriam responder se gostavam de se comunicar em inglês. Quatro informantes alegaram não gostar de estabelecer comunicação na LA. É interessante mencionar que muitos dos informantes que responderam que gostavam de interagir na LE mencionaram que se comunicavam, apesar das dificuldades.

Por fim, eles foram questionados sobre quais foram as principais dificuldades encontradas durante o processo de aprendizagem da LI. A fala é apontada como a maior dificuldade entre os alunos, correspondendo a 12 (35%) das respostas. A escuta e a gramática foram mencionadas por 5 (14%) dos informantes. Em seguida, pronúncia, vocabulário e escrita foram citados por 4 (11%), a leitura, por 1 (3%), e o inglês técnico, por 1 (3%).

Com relação ao teste de percepção, os resultados tabulados serão apresentados a seguir. O gráfico será apresentado e os dados serão discutidos em seguida. Os resultados estão dispostos em 4 gráficos, separados entre fricativa interdental surda em posição inicial, surda em posição final, fricativa interdental sonora inicial e final.

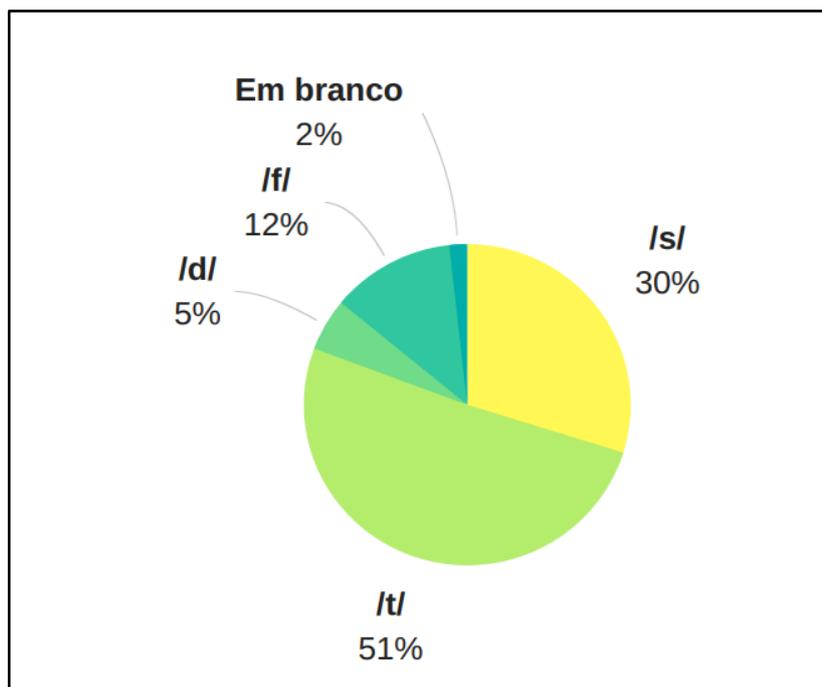


Gráfico 1 - Ocorrências de trocas da fricativa interdental surda em posição inicial⁸

No gráfico 1, as ocorrências de trocas da fricativa interdental surda /θ/ em posição inicial são apresentadas. As hipóteses da pesquisadora eram de que os fonemas utilizados como mecanismo de substituição seriam /t/, /f/, /s/ e /z/. Posteriormente, foi adicionado o fonema /d/. Dentre as possibilidades, o único que não foi marcado nesse contexto inicial foi o /z/. Além disso, 1 (2%) dos entrevistados não marcaram nenhuma resposta em palavras que continham esse fonema. O maior número de ocorrências foi com o /t/, como quando *thigh* foi marcada como *tie*, 29 (51%). Em seguida, o /s/ com 17 (30%), quando ocorreu a troca de *thick* por *sick*, /f/ com 7 (12%), alteração de *thin* para *fin*. Ocorreram casos também da troca da fricativa interdental surda em posição inicial, como no caso de *thrill*, que foi percebida como *drill*.

⁸ Fonte: Elaborado pela pesquisadora

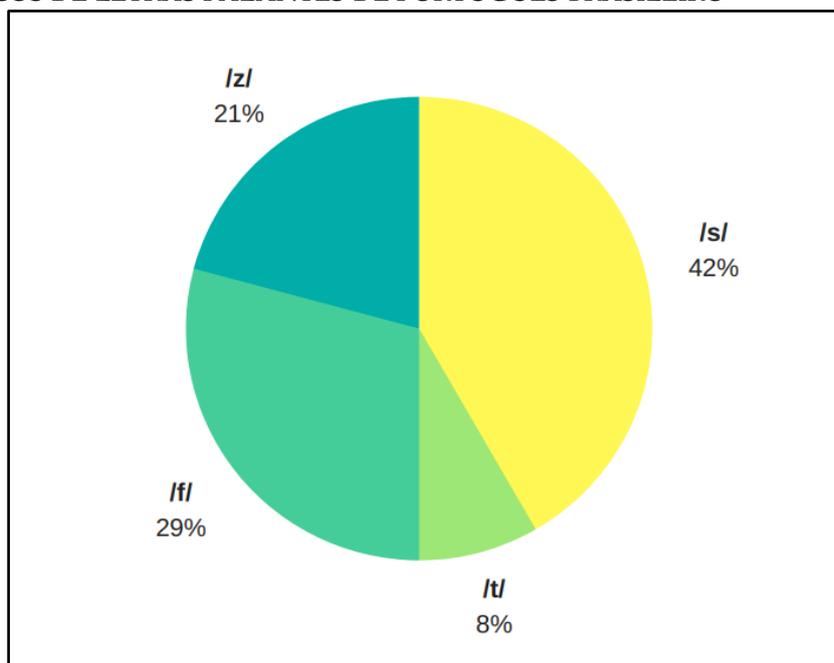


Gráfico 2 - Ocorrências de trocas da fricativa interdental surda em posição final⁹

Sobre as trocas em posição final, seguindo as mesmas hipóteses supracitadas, conforme o gráfico 2, o /s/ (*tenth* - *tense*) foi o fonema mais recorrente, sendo selecionado em 20 (42%) dos casos. O /f/ (*death* - *deaf*) e o /z/ (*oath* - *owes*) foram marcados, respectivamente, por 11 (29%) e 10 (21%). Por fim, ao contrário da posição inicial, o /t/ (*faith* - *fate*) representou apenas 4 (8%) das respostas selecionadas.

Já com relação à fricativa interdental sonora /ð/, as hipóteses da acadêmica eram de que as possíveis trocas seriam pelos fonemas /d/, /t/ e /z/. Posteriormente, para montar os trios de palavras para a coleta de dados, foram adicionados os fonemas /f/ e /s/.

⁹ Fonte: Elaborado pela pesquisadora

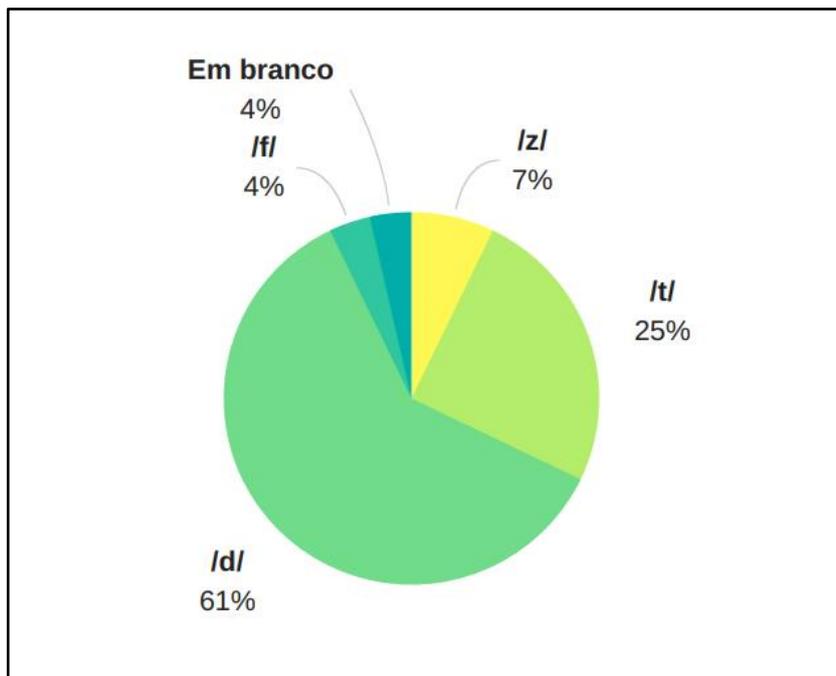


Gráfico 3 - Ocorrências de trocas da fricativa interdental sonora em posição inicial¹⁰

No gráfico 3, estão dispostas as respostas com relação à fricativa interdental sonora em posição inicial. Dentre todas as alternativas correspondentes ao fonema em questão, 1 (4%) foram deixadas em branco. O /d/ (*thy - die*) representou, com 34 (61%), o maior número de ocorrências, sendo seguido pelo /t/ (*thee - tea*), 14 (25%). O /z/ (*then - zen*) e o /f/ (*thee - fee*), 4 (7%) e 2 (4%) respectivamente, representaram os fonemas de menor recorrência.

¹⁰ Fonte: Elaborado pela pesquisadora

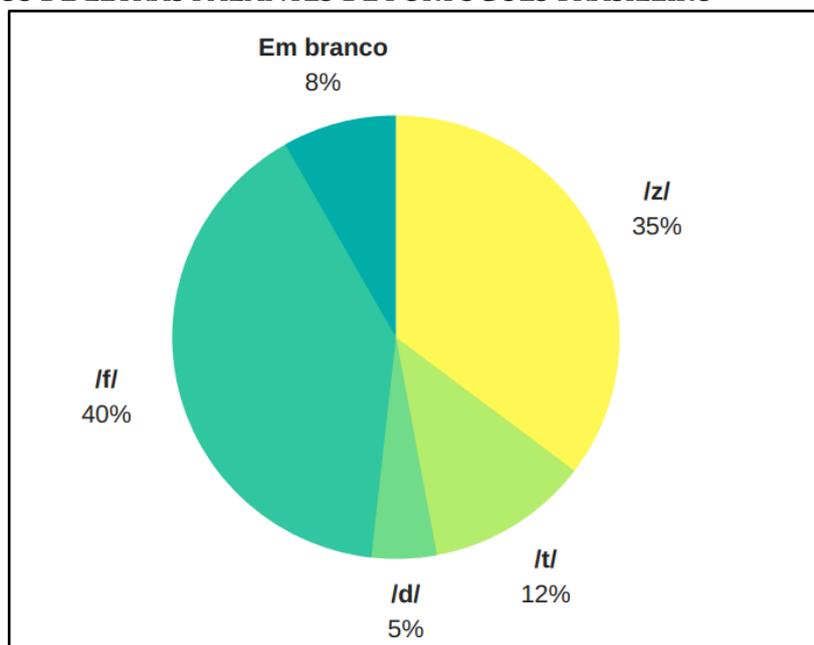


Gráfico 4 - Ocorrências de trocas da fricativa interdental sonora em posição final¹¹

As ocorrências em posição final foram marcadas, em maior número, por /f/ (*other* - *offer*), 34 (40%) e /z/ (*lathe* - *laze*), 30 (35%). O /t/ (*other* - *otter*) representou 10 (12%) e o /d/ (*soothe* - *sued*), 7 (5%). Dentre as alternativas, 7 (8%) foram deixadas em branco pelos informantes.

A pesquisa de Silva (2015, p. 126), como já mencionado, aponta que as trocas que mais ocorrem são do fonema surdo /θ/ para /s/, /f/ ou /t/, enquanto o fonema sonoro /ð/ normalmente é substituído por /z/ ou /d/. Diante dos dados coletados e da análise realizada, é possível perceber que os contextos de troca mais recorrentes na pesquisa foram fricativa interdental surda /θ/ por /t/ em início e /s/ no final das palavras; fricativa interdental sonora /ð/, que foi substituída, no início, por /d/, e, diferentemente dos estudos de Silva, o fonema /f/ foi uma alternativa nas trocas no final das palavras, como ocorreu em *loathe*, marcado, muitas vezes, como *loaf*.

Em alguns casos, essas trocas podem não acarretar maiores problemas durante a interação na LE, porém, nos casos utilizados para compor o teste de percepção desta pesquisa, essas alterações

¹¹ Fonte: Elaborado pela pesquisadora

poderiam afetar a fluidez da conversa. É importante que os sons sejam trabalhados em sala de aula, pois o aluno pode não perceber determinado som por desconhecê-lo ou por dificuldades totalmente aceitáveis quando se trata de sons que não fazem parte do inventário fonológico da sua LM.

4. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi averiguar de que forma um grupo de acadêmicos de um curso de Licenciatura em Letras Português- Inglês perceberiam, na audição, os sons das fricativas interdentalis, tanto surda como sonora, em posição inicial e final nos vocábulos selecionados; e, caso ocorressem trocas, quais seriam os fonemas aos quais os informantes recorreriam na percepção. As hipóteses da pesquisadora foram de que os fonemas /s/, /z/, /f/ e /t/ poderiam ser opções de troca ao fonema surdo /θ/, enquanto para o fonema sonoro /ð/, as alternativas seriam os fonemas /d/, /t/ e /z/.

A pesquisadora concluiu, após a coleta e a tabulação dos dados, que os casos mais recorrentes de troca, realizados pelo grupo pesquisado neste trabalho, foram da fricativa interdental surda /θ/ por /t/ em início, *thigh* seria então escutado como *tie*, e /s/ no final das palavras, como no caso de *myth* ser compreendido como *miss*. No caso da fricativa interdental sonora /ð/, ela seria substituída por /d/, quando pronunciada no início da palavra, que seria o caso de *they* ser percebido auditivamente como *day*.

Contudo, nos estudos de Silva (2015), o fonema /f/ não foi mencionado como uma alternativa quando a pessoa entende erroneamente o som que foi produzido por outro falante, como ocorreu nesta coleta de dados em casos como em *loathe*, que foi marcado, muitas vezes, como *loaf*. Uma possível explicação para trocas como essa é a familiaridade que os falantes têm com o vocábulo *loaf* e não com *loathe*. Dessa forma, os entrevistados podem ter recorrido ao conhecimento lexical para completar essa alternativa do teste, e existe a possibilidade de não terem levado em consideração a dica fonológica.

Uma explicação para as trocas de fonemas é o fato de que o português, LM dos informantes, não contém esse som. Dessa forma, eles poderiam buscar opções que fazem parte do inventário fonológico para completar a comunicação. Além disso, Trevisol (2014, p. 86-87) explica que o fato de alguns fonemas serem menos marcados, ou seja, de fácil articulação, diferentemente das fricativas, que são mais marcadas e menos comuns nas línguas do mundo, poderia influenciar na troca.

O questionário para coleta de dados dos entrevistados tinha duas perguntas que buscavam dados que justificassem a escolha do público alvo. Uma era sobre o tempo de estudo de inglês e a outra, se o(a) acadêmico(a) possuía prática docente em LI. A grande maioria estudava há mais de um ano, e menos da metade dos informantes atuava ou havia atuado como professores de inglês. O objetivo da pesquisadora, além de verificar as ocorrências de trocas de fonemas, era refletir sobre a importância do conhecimento da língua estrangeira, bem como sobre os sons que a compõem. Afinal, se estudos como os de Ramos (2009) apontam para a importância da inserção da fonologia nas salas de aula, é fundamental que a formação de professores, nesse caso, de LI, seja pensada para que o aprendiz seja exposto de maneira satisfatória aos sons.

A escolha pelo uso de trios de palavras que tivessem apenas um fonema diferente no instrumento avaliativo de pesquisa se justificou pela importância do reconhecimento de que, muitas vezes, a alteração de um fonema por outro, na audição, pode acarretar em uma mudança no sentido do que foi falado. Dessa forma, a comunicação seria prejudicada ou não fluiria, gerando um erro fonológico.

Este trabalho foi proposto para avaliar as condições de percepção das fricativas interdentais surda e sonora no âmbito da compreensão auditiva. Contudo, futuras pesquisas podem analisar também a relação entre as dificuldades de reconhecimento do som e como isso influenciaria na produção oral dos aprendizes.

falantes de português brasileiro. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 402-523, 2019.

**THE PERCEPTION OF INTERDENTAL FRICATIVES BY
BRAZILIAN PORTUGUESE SPEAKERS MAJORING IN
ENGLISH AND PORTUGUESE**

ABSTRACT: This research aims at verifying whether the students of a Higher Education Language Course from a university located in the Vale do Rio dos Sinos Region - RS perceive the production of the unvoiced /θ/ and the voiced /ð/ interdental fricative sounds or if they inadvertently mistake these sounds with others. In order to do so, a speech perception test from an English native speaker and a short questionnaire to establish the participants' profile was carried out. The exchange of target phonemes by substitutes in the mother tongue of the respondents, such as / d / and / t /, was noticed in the listening from the participants.

KEYWORDS: Phonetics and Phonology; English; L2 Acquisition.

Referências:

BONA, Alessandra Herlin de. O que fazem os estudantes brasileiros com a fricativa interdental do inglês? In: BARBOSA, Valéria Koch. SCHNEIDER, Simone Daise. (organizadoras). *Linguagem, sociedade e interação: reflexões teórico-práticas*. - Novo Hamburgo: Feevale, 2007. 224 p.

BRANNEN, Kathleen J. *The Perception and Production of Interdental Fricatives in Second Language Acquisition*. Disponível em: <http://digitool.library.mcgill.ca/webclient/StreamGate?folder_id=0&dvs=1493165680363~333>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 254 p.

CALLOU, Dinah. LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. - 8.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Cambridge Dictionary. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/us/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Canva. Disponível em: <<https://www.canva.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

CARVALHO, Beatriz dos Santos; MANCOPE, Renata; MOTA, Helena Bolli. *Discriminação fonêmica na aquisição de segunda língua em adulto - estudo de caso*. Rev. CEFAC, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 628-634, Apr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462015000200628&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 mai. 2017.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. 2. Ed. Cambridge University Press: 2003.

ELLIS, Rod. *Second language acquisition*. Oxford University Press, 1997.

A PERCEPÇÃO DAS FRICATIVAS INTERDENTAIS DE LÍNGUA INGLESA POR ACADÊMICOS DE LETRAS FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

FLEGE, James Emil. *The phonological basis of foreign accent: A hypothesis*. Disponível em:

<http://www.jimflege.com/files/Flege_phonological_basis_TESOL_1981.pdf>

. Acesso em: 10 nov. 2017.

JENKINS, Jennifer. *The Phonology of English as an International Language*. 1. ed. Oxford University Press, 2000. 258 p.

KELLY, Gerald. *How to teach pronunciation*. Longman, 2000.

LASCH, Sabrina Schützenhofer. *Estudo comparativo da consciência fonológica de crianças com aquisição bilíngüe e monolíngüe da linguagem*. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da comunicação humana) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Santa Maria, 98 p. 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. *Fundamentos da metodologia científica*. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

RAMOS, Elizabeth. Transferência fonológica no ensino de língua inglesa. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (org.) *Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. - São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROACH, Peter. *English Phonetics and Phonology: A practical course*. 4. ed. Cambridge University Press, 2009.

_____. *A little encyclopaedia of phonetics*. Disponível em: <<http://www.peterroach.net/uploads/3/6/5/8/3658625/english-phonetics-and-phonology4-glossary.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. *Introducing second language acquisition*. 2 ed. 2012. Cambridge University Press

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro*. - 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2015.

TREVISOL, Juliane Regina. *As fricativas interdentais do Inglês e seus substitutos em diferentes L1s*. Revista X, volume 1, 2014.

Apêndice A - Pares mínimos utilizados na coleta de dados.

Fonema	Posição na palavra	Pares Mínimos
/θ/ Fricativa interdental surda	Inicial	thigh - tie - sigh theme - team - seam threw - true - zoo thin - fin - tin thought - fought - sought thrill - frill - drill thick - sick - tick thing - sing - ding
/θ/ Fricativa interdental surda	Final	faith - fate - fade bath - bat - bad death - deaf - debt oath - oat - owes cloth - clod - clause myth - miss - mid path - pass - pad tenth - tent - tense
/ð/ Fricativa interdental sonora	Inicial	they - day - fey than - dan - tan then - ten - zen though - toe - dough those - doze - toes thee-tea - fee thine - fine - tine thy - thai - tie

A PERCEPÇÃO DAS FRICATIVAS INTERDENTAIS DE LÍNGUA INGLESA POR
ACADÊMICOS DE LETRAS FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

<p style="text-align: center;">/ð/ Fricativa interdental sonora</p>	<p style="text-align: center;">Final</p>	<p>bathe - bays - bade with - whizz - wit breathing - breezing - briefing teething - teasing - teaming soothe-sued - suit lathe - late - laze other - otter - offer loathe - loaf - load</p>
<p style="text-align: center;">Fillers</p>		<p>thumb - some - come mug - thug - bug born - thorn - torn force - fourth - ford shop - shot - shock Fred - bread - thread</p>

Apêndice B - Teste de percepção**TESTE DE PERCEPÇÃO**

Considere as alternativas dadas e marque com um "X" junto à palavra que você ouvir. Cada alternativa será dita uma única vez.

1	laze	late	lathe
2	other	offer	otter
3	soothe	suit	sued
4	some	thumb	come
5	thug	mug	bug
6	thorn	torn	born
7	ten	then	zen
8	load	loaf	loathe
9	dough	doe	though
10	bathe	bays	bade
11	thread	bread	Fred
12	whizz	wit	with
13	thigh	tie	sigh
14	breathing	briefing	breezing
15	theme	seam	team
16	thy	die	thai
17	pass	pad	path
18	frill	thrill	drill

A PERCEPÇÃO DAS FRICATIVAS INTERDENTAIS DE LÍNGUA INGLESA POR ACADÊMICOS DE LETRAS FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

19	tense	tent	tenth
20	ding	thing	sing
21	sought	fought	thought
22	those	doze	toes
23	thick	sick	tick
24	death	deaf	debt
25	fin	tin	thin
26	dan	tan	than
27	bad	bath	bat
28	miss	mid	myth
29	threw	zoo	true
30	fade	faith	fate
31	day	fey	they
32	cloth	clod	clause
33	force	ford	fourth
34	teething	teasing	teaming
35	tea	fee	thee
36	fine	thine	tine
37	shock	shop	shot
38	owes	oat	oath

Apêndice C- Questionário para os entrevistados

Nacionalidade:

Profissão:

Qual é a sua avaliação sobre o seu nível de proficiência?

() Elementar

() Intermediário

() Avançado

Já atua ou atuou como professor(a) de língua inglesa? Há quanto tempo?

Há quanto estuda ou estudou inglês?

Investe no estudo/contato com a língua inglesa fora da sala de aula?
De que forma(s)? Quanto tempo (horas) p/semana?

Gosta de se comunicar em língua inglesa?

O que acha mais difícil no uso da língua inglesa?